

Fernandes, José Guilherme dos Santos. *O Boi de Máscaras: festa, trabalho e memória na cultura popular do Boi Tinga de São Caetano de Odivelas, Pará*. Belém: EDUFPA, 2007.

FESTA, TRABALHO E PÃO: O BOI TINGA DE SÃO CAETANO DE ODIVELAS

Edil Silva Costa¹

Os Bois-Bumbás, embora existam em diferentes regiões do Brasil, muitas vezes são tratados de modo a ignorar a enorme variedade desses folguedos populares. Cada grupo em cada lugar tem motivações diferentes e faz sua própria criação. Mas a imagem que se constrói dessa prática, notadamente pelos discursos hegemônicos que a adotam como um retrato de uma cultura popular local, a reduz a uma forma de identificação para seduzir o olhar exterior e atraí-lo, visando a massificação e o lucro.

É esse movimento e tensão entre o popular e o massivo, em meio a outras instigantes questões, que o livro *O Boi de Máscaras: festa, trabalho e memória na cultura popular do Boi Tinga de São Caetano de Odivelas, Pará*, de José Guilherme dos Santos Fernandes, aborda e desenvolve.

Lançado em junho de 2007, na cidade de Ponta de Pedras, no Marajó, durante o Encontro do IFNOPAP², evento que ocorreu junto ao Encontro Intermediário do GT de Literatura Oral e Popular da Anpoll³, o livro *O Boi de Máscaras* não poderia ter sido divulgado em melhor lugar. Não bastasse o fascínio pelo folguedo do boi, o belo cenário que se desenhava dentro e fora do livro e o encanto dos festejos de São João, o que, sobretudo, nos impressionou foi a força dessa tradição amazônica em suas conexões com o passado e o presente, as paisagens e as identidades do povo paraense.

Documentado e ilustrado com gravuras e fotos da pesquisa de campo, o livro traz notas, informações e mapas tão necessários para os leitores de outros países e regiões, mesmo brasileiros que desconhecem a Floresta amazônica. Sua escritura tem um quê de didática, mas foge ao jargão acadêmico porque seu autor não hesita em se revelar como um participante do folguedo.

José Guilherme Fernandes é professor da Universidade Federal do Pará e membro do GT de Literatura Oral e Popular na Anpoll. Esta pesquisa é fruto da sua dedicação de quatro

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), professora de Literatura da Universidade do Estado da Bahia, membro do GT de Literatura Oral e Popular da Anpoll.

² Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense, projeto coordenado pela Profa. Dra. Maria do Socorro Simões, na UFPA.

³ Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística.

anos no Doutorado em Literatura Brasileira da Universidade Federal da Paraíba, mas consegue ser mais que uma tese. Como pesquisador, José Guilherme tem em seu benefício a vivência da cultura popular paraense, legado de seus pais, também oriundos da região. Como ele mesmo afirma, o livro é um tributo aos ancestrais. Assim, nutre de força e beleza sua obra, pois consegue envolver o leitor na responsabilidade social que tem o professor-pesquisador, afirmando-se também como militante das causas populares.

Estudo etnográfico alicerçado na teoria marxista e na antropologia, não pode deixar de lado a discussão a respeito das relações da cultura popular e os meios de produção do capitalismo. Porém, sem o ranço comum a esse tipo de abordagem.

Quero destacar o compromisso do autor no entendimento de seu papel como alguém que dá visibilidade aos atores do folgado, possibilitando a percepção dessas vozes, sem simplesmente apropriar-se delas. José Guilherme destaca o texto do outro, que é incorporado ao seu sem hierarquias, ao marcá-lo com o uso da letra cursiva. Solução bastante feliz e prática, essa estratégia aproxima ainda mais o leitor dos entrevistados. A autoria das falas é sublinhada e desse modo se desfaz a crença no anonimato, visto com naturalidade quando se trata da tradição popular e das obras chamadas de domínio público. A ausência de uma autoria individual é desmentida aqui quando se valoriza cada um, desde os líderes aos simples participantes. A transcrição é criteriosa e procura amenizar os incômodos da oralidade; postura não discriminatória, mas que respeita as diferenças. Ao priorizar “o homem como produtor e agente histórico” (p.43), José Guilherme marca definitivamente sua posição, valorizando o tradicional, porém enquanto prática contemporânea e dinâmica. Isso se evidencia nas falas dos entrevistados (e co-autores do texto), pois opiniões diversas e modos de ver diferentes vão se cruzando, dando ao leitor aos poucos a revelação das paisagens que compõem o folgado.

Se, por um lado, as marcas da transcrição procuram diferenciar a cultura oral da escrita, como assinala o autor; por outro, a proximidade com o tema faz do livro uma escritura biográfica, o que não chega a afetar a consistência teórica do trabalho. Pelo contrário, o comprometimento, o desnudamento e o envolvimento pessoal do pesquisador enriquecem a pesquisa e proporcionam ao leitor uma viagem por uma região bem particular da Amazônia, levado por um guia nativo.

Na primeira parte do livro, o autor traça um paralelo entre o Boi de Parintins (Amazonas) e o Boi de Máscaras de São Caetano de Odivelas (Pará). Esse último se destaca

pela intensa participação popular, não só no folguedo em si, mas principalmente na organização. Aí percebemos o quanto é importante para as classes populares manter sob sua guarda as diretrizes da tradição, aquilo que pode e o que não pode ser modificado, as formas de saber e fazer popular. Também são reveladas as relações de poder que perpassam os grupos e como os mestres lidam com isso, deixando claro que existe uma hierarquia bastante rígida. As tensões ameaçam a frágil estabilidade dos grupos e ao mesmo tempo corroboram para seu fortalecimento, pois exigem dos líderes pulso e flexibilidade para negociar.

Ao buscar as identidade e discutir a eleição de um símbolo para a cultura amazônica, José Guilherme vai trazendo ao leitor outras questões relacionadas ao jogo de poder do qual não escapam as culturas tradicionais e ao mesmo tempo as formas de resistência e reinvenção de poderes dos atores sociais, nas classes populares. Discute-se a relação cultura popular com a exploração do turismo como atividade sustentável e a dimensão carnavalesca da festa.

O segundo capítulo descreve o boi de máscaras “Tinga”, detalhando o folguedo de São Caetano de Odiveias, mostrando as especificidades desse Boi de quatro pernas, o que o diferencia de outros, como os de São Luis ou de Parintins. Não há o enredo comumente encontrado nos folguedos de Boi com o drama popular do Pai Francisco e a Mãe Catirina. O Boi Tinga é uma farra, cujos brincantes só precisam de uma motivação para cantar, dançar, beber e comer: levar o boi para a rua. O grupo vem se mantendo e se modificando ao longo dos seus 67 anos de existência e é um símbolo da cultura popular do local, mas sua permanência também tem seus entraves, suas expectativas de continuidade a partir da renovação. É nesse capítulo que o autor deixa bem claro o envolvimento afetivo com seu objeto, dando voz aos seus atores, mas também se colocando como um conhecedor muito próximo do assunto. O estudo segue com o cruzamento dos discursos “populares” e “oficiais” a respeito do tema.

A continuidade da tradição depende também das frágeis relações que se estabelecem nas lideranças, entre os mais velhos, geralmente herdeiros da prática cultural e os mais jovens, que desde cedo se incorporam aos grupos, também por laços afetivos e familiares, mas que de certa forma já representam inovação. Ao contrário do Boi de Parintins, que se caracteriza como uma festa massiva, organizada pelos poderes públicos, o Boi Tinga não ganhou a dimensão do grande carnaval amazônico, não ocupando os folhetos turísticos que exportam a imagem da festa como atrativo nacional. Não obstante, (e eis uma questão primeira) é o Boi de Parintins tomado como a imagem da cultura amazônica.

Um trabalho como esse exige muito do pesquisador, pois, além do deslocamento físico a distantes regiões de difícil acesso, trata-se de um objeto de enorme complexidade, que leva a questões essenciais para a interpretação do Brasil e o entendimento da cultura brasileira, ainda só parcialmente respondidas.

As conexões entre festa e trabalho mostram uma forma peculiar de ser que não desvincula o prazer da luta pela sobrevivência, o corpo que dança do coração que louva, o agradecimento da promessa do canto festivo.

Trata-se assim de um trabalho sério e criterioso, muito bem vindo na medida em que revela a brasileiros e estrangeiros uma parte do Brasil pelo olhar de um paraense que não se esconde atrás da máscara do boi, mas a usa para melhor apreender e nos mostrar as formas de construção da cultura popular, a complexidade e o requinte como os brincantes e mutucas⁴ fazem a festa.

A obra *O Boi de Máscaras: festa, trabalho e memória na cultura popular do Boi Tinga de São Caetano de Odivelas, Pará*, de José Guilherme Fernandes, nos estimula a pensar na importância que tem ainda hoje os estudos etnográficos. Por essa razão, o livro representa um avanço nos estudos sobre cultura popular e é, sem dúvida, um exemplo da importante e necessária contribuição para o arcabouço teórico da tradição oral e das culturas populares que os pesquisadores do GT de Literatura Oral e Popular na Anpoll têm empreendido esforços para sistematizar.

Salvador, 15 de março de 2008.

Edif Silva Couto.

⁴ Mutuca, segundo o autor, é “o participante da multidão não-brincante que acompanha o Boi, por horas, pelas ruas da cidade” (p.70).